

[dossiê]



Aparência, Moda, Imagem e Politeísmo Corporal

Appearance, fashion, image and corporal politeism

Beatriz Ferreira Pires¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8834-921X>

Renata Pitombo Cidreira²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1281-623X>

O presente dossiê discute as diversas possibilidades de constituições corporais na contemporaneidade, a partir da composição da aparência, através das práticas vestimentares, do entrelaçamento, cada vez mais intenso, da moda com as ciências da saúde, seja através de procedimentos pouco invasivos, seja através de complexas e arriscadas incursões cirúrgicas, do fenômeno em ascensão da substituição do corpo por sua imagem e da prática de fazeres digitais que subtraem do corpo seu gestual.

Como sabemos a imagem corporal participa dos sistemas de percepção, das atitudes e do modo como nos situamos no mundo. Esse *esquema corporal*, para usar uma expressão de Merleau-Ponty, “é um conjunto de performances motoras pré-conscientes e sub-pessoais que cumprem um papel [...] no controle da postura, do equilíbrio e do movimento” (1994, p. 196). Está implícito aí um saber incorporado, um senso prático, um *hábito*, que faz com que nos acomodemos ao mundo. A vestimenta modela nosso corpo, promove um ‘alargamento do eu’, como atesta Georg Simmel (2008, p. 70), conferindo “o enaltecimento do eu mediante o existir para os outros e da existência para os outros através do realce e da expansão de si mesmo”. A roupa incide sobre nossa sensibilidade e capacidade sensório-motora (McLuhan, 1964) e, conseqüentemente, altera a relação do nosso corpo com o ambiente no qual nos inscrevemos.

O modo como os corpos percebem e apreendem o mundo, se relacionam, se posicionam e se movimentam está conectado ao espaço que habitam e circulam - arquitetura, traçado e mobiliários urbanos. Tanto o corpo afeta o espaço, como o espaço é afetado pelo corpo (Careri, 2013). A vestimenta e a moda nos conferem um modo de ser, um estilo, um modo de formar (Pareyson, 1993), auxiliando nas dinâmicas performativas de si.

¹ Arquiteta, atua na Graduação e na Pós-Graduação do Curso de Têxtil e Moda EACH/USP. Pós-Doutorado (FAPESP) no SENAC/SP. Doutorado (FAPESP) na FE/UNICAMP. Mestrado (CNPq) na IA/UNICAMP. Autora de “O Corpo como Suporte da Arte”. SENAC, 2005; “Corpo Inciso, Vazado, Transmudado - Inscrições e Temporalidades”. Annablume/FAPESP, 2009.

² Graduação em Comunicação/Jornalismo (1992), mestrado (1997) e doutorado (2003) em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), onde atua como docente. Pós-doutorados em sociologia (Université René Descartes, Paris V-Sorbonne, 2011) e em Comunicação e Artes/ Estudos da Cultura (Universidade de Beira Interior, 2021). Autora de diversos livros, o mais recente “Moda e crítica: prazer, julgamento e avaliação” (EDUFBA, 2022).

A partir dessas reflexões, as contribuições aqui reunidas se atentam para as dimensões performáticas da apresentação de si, em diálogo com o ambiente que nos circunda. Desse modo compreende-se que a moda tem sido um vetor extremamente importante de representatividade e resistência para a visibilidade de aparências múltiplas, conformando outras dinâmicas de reconhecimento da beleza e das corporeidades.

O texto de Etevaldo Cruz, **Aspectos contingentes sobre a dimensão trágica do estilo: o corpo e as superfícies da aparência**, que abre o dossiê, reflete sobre a dimensão trágica do estilo enquanto potência plasmadora da expressão resultante das tensões intersubjetivas. Analisa a movência que permeia a tentativa de unidade e êxito no processo formativo.

Na sequência, Angélica Adverse, em **La SAPE: vestir para resistir, resistir para existir**, procura observar os fluxos que permeiam a dimensão da veste enquanto potência de pertencimento através do movimento La Sape; “uma ação de resistência para assegurar a existência estética dos corpos africanos”.

Pâmela Carvalho e Luciana Garcia no artigo **A (des)ordem do corpo: costuras entre moda e gênero**, enveredam sobre a relação moda e gênero, observando os mecanismos que “constroem o corpo dito e visto nas linhas históricas, sociais e culturais como masculino, nas redes discursivas da Moda”.

O corpo feminino, por sua vez, aparece na leitura da Ninfa na história da arte, no texto **Da Ninfa ao Trapeiro: o panejamento caído, entre restos de moda e rastros de arte**, de Ana Carolina Acon e de Joana Bosak, que refletem sobre desdobramentos do corpo feminino e indícios humanos. A personagem torna-se instrumento para falar do corpo feminino impregnado de significações, o movimento do tempo e queda da Ninfa, o corpo violado ou subversivo.

Em **Corpos (des)cobertos: moda e masculinidades em uma abordagem etnográfica** os autores Álamo Bandeira e Walter Franklin Marques Correia discorrem sobre o *it body*, denominação dada ao corpo “elevado ao *status* de artefato de moda.” A descrição e análise dos corpos aqui elencados e da relação desses com a moda tem como pano de fundo as *pool parties* e *after parties*.

José Carlos Ribeiro e Mariana Oliveira no artigo **As performances de influenciadoras digitais de moda plus size na plataforma digital Instagram**, contribuem com a discussão enfatizando a costura entre moda e corpo e a visibilidade do corpo gordo na plataforma digital Instagram, verificando como as performances de influenciadoras de moda *plus size* mantêm o sentido de representatividade perante as seguidoras e usam a moda como instrumento de ruptura de paradigmas opressores em relação ao corpo gordo.

No artigo **A moda e os modos na Socila: hexis corporal e a fachada da elegância** as autoras Maria Carolina Medeiros e Tatiana Oliveira Siciliano nos encaminham por reflexões sobre conceitos e códigos de elegância, que entre outras tem a escola Socila como fonte de ensinamentos, regras e prescrições que atuam na construção da assim denominada fachada da elegância.

Renata Leahy, no texto **Das técnicas do desfilarm aos vazamentos corporais**, por sua vez, lança o olhar sobre os corpos dos desfiles de moda a partir da compreensão do corpo como uma força sensório-motora expressiva, em meio à visível uniformidade de performances nas passarelas.

O artigo **Corpo, performance e a fotografia publicitária de moda: produção de imagens e aura do luxo em mensagens publicitárias de marcas do mercado jovem e popular**, de Roberta Del-Vechio e Rafael José Bona, procura analisar como os dispositivos utilizados nas marcas de luxo são assimilados e/ou apropriados nas campanhas publicitárias das marcas jovens e populares.

A narrativa imagética corporal também é explorada no texto de Rafaela Lins Travassos Sarinho, Luiza Marcier e Carlos Eduardo Félix da Costa. Ao analisar fotografias de Edward Steichen sobre a obra de Paul Poiret o artigo **Entre a fotografia e a moda: do princípio dual à imagem de moda em Steichen e Poiret** enfatiza “as gestualidades desse corpo em movimento e em modificação.”

Em **Laboratório de Joalheria Contemporânea: o corpo como matéria-prima da Invenção** os autores Flávia Marieta Magalhães Rigoni; Maria Regina Álvares Correia Dias e Wadson Gomes Amorim, analisam a relação entre corpo, joia e entorno a partir da experiência prática de criação e feitura de adornos que possibilitam a ampliação da expressão corporal.

Em **A moldura do desnudamento. Tensionamentos do dispositivo nudez/veste no figurino de Fábria Bercsek para a performance musical de Laura Diaz (Teto Preto)**, Renato Gonçalves Ferreira Filho, nos coloca diante de vestes que ao ressaltar e deixar a mostra púbis, nádegas e seios, atuam como moldura da nudez e evidenciam o potencial político de corpos que se encontram em contexto performático. Mesmo de forma não intencional, Renata permite que façamos uma homenagem à Gal Costa que faleceu em novembro desse ano, um mês antes dessa edição ser lançada, com uma imagem sua no espetáculo *O Sorriso do Gato de Alice* de 1994.

Acionando exemplos que circulam entre os estilos de vestuário e o fenômeno Instagram como forma de exibição, à corporeidade, à particularidade da cultura pop e às zonas estéticas urbanas, Fábio La Rocca mostra as formas da visibilidade de um processo de estetização da vida e da cidade que caracteriza nosso espírito do tempo no artigo **Moda e cidade: Uma identificação de estilos nas zonas atmosféricas urbanas**.

Para além da estetização da vida Jorge Leite Júnior ressalta o aspecto fundante ou pregnante na conformação tanto da humanidade quanto da monstruosidade. Em seu artigo **Monstros usam roupas? A veste nos monstros e a monstruosidade nas Vestes**, Jorge retorna a tempos ancestrais observando como as vestes podem constituir modulações monstruosas: “as roupas não cobrem as pessoas, mas as confeccionam como tais.”

O ensaio fotográfico, que dialoga com os textos do dossiê, foi realizado por Beatriz Ferreira Pires, em um ensolarado domingo de junho de 2019, no distrito de Sousas/Campinas, no espaço artístico cultural multimídia Rabeca Cultural, durante a oficina “Sentidos da Pele” conduzida pelo fotógrafo, arquiteto, pintor e músico Gal Oppido e pela artista do corpo, bailarina, atriz, performer e modelo de todas as fotos que compõe o ensaio Lucilene Moreira.

Registros de uma mesma silhueta. Possibilidades diversas que se configuram a partir da dramaticidade dos gestos, da interação do corpo com a luz e as sombras, com as vestimentas, os adornos, os objetos de cena e cenários. Formas e representações múltiplas que, a partir do olhar do espectador, se entrelaçam em variados percursos e histórias.

Referências

CARERI, Francesco. **Walkscapes - O caminhar como prática estética**. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: GG, 2013.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1964.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PAREYSON, Luigi. **Teoria da formatividade**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia Ltda., 2008.